

NATUREZA MORTA

Natureza Morta
José Fontenele



© Editora Moinhos, 2019.

© José Fontenele, 2019.

Edição: Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial: Sérgio Ricardo

Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico: Logolândia

Capa: Sérgio Ricardo | Logolândia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F683n

Fontenele, José

Natureza morta / José Fontenele. - Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2019.

162 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-65-5026-005-7

1. Literatura brasileira. I. Título.

2019-882

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

Literatura brasileira 869.8992

Literatura brasileira 821.134.3(81)

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

Para Fran

*Que nada se compare ao incomparável
por ser da folha a razão da árvore.
O que existe sem o outro, existe ao meio,
meio feito, meio desfeito.*

Elegia, Thereza Christina Rocque da Motta

*Todas as cores escondidas
Nas nuvens da rotina
Pra gente ver
Por entre os prédios e nós
Pra gente ver
O que sobrou do céu*

O que sobrou do céu, O Rappa

Prólogo

Mesmo que as sagradas escrituras esclareçam o contrário, a mulher nasceu foi no subterrâneo. Certo ponto chateou-se. Deixou para trás as fissuras do Hades e decidiu subir de mansinho à superfície. A ganância pelo horizonte fez com que a feminina encontrasse um rapaz adormecido em um jardim frutífero e anímais nada peçonhentos. Experiente na arte da sobrevivência, a mulher localizou rapidamente os sexos e as formas entre eles e resolveu permanecer como cobaia no jardim primaveril dando-se por desconhecida dos fatos; como se nascesse naquele instante sem memória de suas impurezas ou desmazelas.

O momento era favorável à nova moradora: Adão procurava alguém que representasse a função dele de ser mais inepto entre os habitantes do jardim; e deus não queria perder discípulos, afinal se eliminasse a criatura recém-chegada abortaria pelo menos metade de seus atuais e futuros fiéis. Ela sorriu de forma indiferente, fez-se tonta e desajeitada, e recebeu o nome de Eva. Nós, os outros, em deslumbramento, ficamos enfeitados porque nascemos naquele jardim virgens quanto à natureza do suave corpo alheio.

E com tanto embelezamento, tanta feitiçaria, não ficamos verdadeiramente apoquentados ou turrões quando ela nos contou do incidente com o réptil. Até porque, imagine qual pecado a serpente, nascida naquele jardim introdutório e pleno de beleza, ensinaria à Eva? Desconfiávamos que fora o contrário; quando o réptil sibilou da macieira e projetou o corpo em mínimos e rasteiros solavancos de microscópicos pés entre os galhos úmidos, banhados ainda com o recente astro solar, desejando tentar a pretensa inocente com os avanços recentes do pecado, foi a feminina que tratou de informar ao animal que aqueles ensinamentos eram ultrapassados. Aqueles mistérios não eram tão mistérios assim para a libido masculina,

Eva contou. Por isso, temos certeza, foi ela que ensinou ao réptil as novas práticas e mandamentos, os enlaces, as poções que farfalhavam nos caldeirões das reentrâncias da terra onde os recém-diabos eram alfabetizados na luxúria permanente do corpo. Quando a serpente eriçou-se, ávida por todas aquelas posições e fórmulas, danças e segredos, a mulher exigiu um sacrifício, e é por isso que hoje o réptil não tem mais os pequenos pés que lhe aceleravam a movimentação e sobrevivência.

Quando veio o castigo divino, a serpente, como sabemos, não tem aquele sorriso desconcertantemente belo que somente o feminino ostenta, o réptil não tem aquele rosto desanuviado como se adivinhasse constantemente as nuvens ou ficasse a se proteger das imperfeições do pecado por simples falta de inteligência. Por não ter essas qualidades que tão bem vestem o feminino, deus puniu o réptil e exigiu de Adão uma audiência — que deus é muito importante e só assunta outros com a formalidade de uma grande empresa. Adão, agora enternecido por não ostentar mais as burrices que o qualificavam como primeiro habitante, falou do pecado como cá temos os amigos que nos procuram em quaisquer ocasiões para desabafar a vida, que é um fardo. Por demonstrar toda essa parte de sabedoria antes escondida — deixando claro, desde o início, que a consciência por vezes é nosso punhal —, Adão acabou por condenar a mulher justamente porque sabia que do casal era ela quem receberia qualquer punição e permaneceria raiz de si mesma; como já persistia nas entranhas da terra, no solo seria tarefa das mais amenas. Conclusão: foram separados e expulsos do jardim primordial Adão, Eva e os animais.

DELE

1.

Pareceu-me um porco o doutor que entrara no leito. Tão gordo, viera de lado encolhendo a barriga nada modesta. O focinho era rosáceo, bem cuidado, com bochechas grandes envernizadas, orelhas corpulentas caídas, papada encobrindo o pescoço e o olhar transversal próprio aos médicos. Atrás dele um porquinho semelhante, embora de menor tamanho e com a pança contida. Os dois vestiam jalecos impecavelmente brancos e o menor carregava uma prancheta perto do peito. Cumprimentei-os com a devida cautela dos pacientes e perguntei por minha esposa. Qual o diagnóstico? Mas eles nada me responderam. Quando finalmente disseram algo, ouvi grunhidos estridentes de um idioma bárbaro. Pedi que repetissem, mas o médico-porco torceu o rosto e não disse nada. Ele conferiu os aparelhos, os remédios sobre a cabeceira, e grunhiu algumas coisas ao assistente, que anotava tudo. Eu nada entendia. Essa linguagem da Medicina me pareceu muito exótica. Subitamente deixaram o leito e voltei a ficar sozinho com Laura.

Nunca conheci alguém vítima de overdose. Pediram para eu manter a calma quando me ligaram há duas horas porque Laura não estava no grupo de risco. Com pouco mais de trinta anos e sóbria de vícios, o organismo da minha esposa é forte o suficiente para lidar com a lavagem estomacal. Contudo, havia a espera. A percepção de tempo era irregular entre nós, enquanto cada segundo para mim era montanha, para ela não passava de antecâmara do sonho. Laura sorri sem mostrar os dentes, conserva uma pureza superior à higiene do leito.

Mas havia a overdose.

Calmante, disse-me a voz metálica ao telefone quando atendi no trabalho. Calmantes? — perguntei. Uma dose para derrubar cavalos, senhor. Vinte e quatro horas em observação após a lavagem

estomacal. Vamos aguardar o organismo dela reagir, mas tenha calma, ela não está no grupo de risco. Outra pergunta, eu disse, quem a encontrou em casa? A pessoa não se identificou, senhor. Desliguei sem perguntar como eles sabiam que Laura não estava no grupo de risco.

O ambiente cândido me impulsionava o exame de consciência e eu repetia que apesar das afirmativas dela, não era um estúpido competente. Antes, vestia o silêncio como uma roupa bem presa ao corpo. Contava isso baixinho no leito do hospital e tinha certeza de que ela me ouvia porque eu segurava a sua mão alva com sutileza e a maquininha que registrava o coração desdobrava-se em picos iluminados. Ela me ouvia. Apenas optava pelo repouso, como quando, à noite, eu chegava devagarinho após o excesso de trabalho e deitava na cama mudando o lençol de posição. Naquele momento íntimo do lar, ela ouvia meu corpo afundar o colchão, mas escolhia o silêncio certa de que ceder alguma coisa é a chave que garante sobrevivência aos relacionamentos.

Nunca conheci ninguém com overdose. Os pais dela acredito que também não, o senhor e a senhora Tomás Coelho, que entraram. Uma enfermeira com a prancheta na altura do peito os conduzia. Levantei-me de sobressalto e percebi que o uniforme de recepcionista do hotel ainda me cobria o corpo. A mãe correu para a filha com lágrimas nos olhos e logo foi orientada pela enfermeira para não comprimir o busto em longo abraço. Os aparelhos são sensíveis, explicou. A sexagenária repetia minha filha minha filha tentando abarcar carinho e saúde com o gesto, mas a enfermeira a refreava acusando a proteção dos aparelhos. As lágrimas rolavam cintilantes. Uma tragédia, soluçava a mãe, envenenamento? párias se envenenam, homens mortos jogados nas ruas se envenenam, não a minha filha. O que vão dizer por aí? que ela tentou se matar? não, a minha filha não. Fora da cena, fui guinado à superfície do momento pelo soco feroz do marido dela. A parede bege do leito hospitalar refreou o meu corpo e a dor especialmente localizada no rosto me recobrou a

humanidade. Foi tudo tão rápido. Os olhos dele marejados contendo a dor, o lamento da esposa acendendo perguntas e a Laura quietinha como criança sem pecado. Mas para nós havia falhas.

A verdade é que não tínhamos filhos vivos e os pais dela, a irmã dela, e a maioria dos nossos amigos, perguntavam por uma criança loura ou morena, azul ou amarela, esguia ou rechonchuda, mas não havia sequer um ramo sendo nutrido no corpo sereno de minha esposa. O pai dela sabia e talvez me acusasse pelo passado infeliz. O descontentamento inflamou a ira e o soco foi a resposta mais humana dele. A enfermeira me ajudou a levantar e em seguida saí do quarto, sem voz.

Pretendi voltar ao leito.

Pretendi, no meio daquele ambiente gérmen de lágrimas familiares e socos inesperados, pretendi dizer ao pai dela, aquele leão-marinho gordo e sisudo, com bigodes longos e pontudos, focinho reluzente de sol à beira-mar, olhos grandes de soberba, pretendi pegá-lo pelos bigodes e esbravejar que eu também estou em coma, não só a filha dele, minha esposa, aquela que, conscientemente, fez um voto eterno de amor na pobreza e na riqueza, na míngua e na bonança, com ou sem filhos pela casa, aquela que me colocou a aliança de maneira dócil e sincera, polegada por polegada, aproveitando que os cinegrafistas contratados por ele filmavam toda a cerimônia com *closes* espetaculares e tomadas emotivas, aquela que me beijou no altar da igreja suntuosa de flores como se adquirisse de mim algum presente dos mais imprescindíveis à sobrevivência, pretendi dizer a ele que também eu estava inconsciente naquele leito, confabulando no silêncio íntimo a causa do nosso passado desalegre e funerário. Depois socaria aquele focinho lustroso para deixar claro que uma criança real ou pretendida nunca é a causa de qualquer envenenamento ou *overdose*. A causa de todo envenenamento é cotidiana, a causa de todo envenenamento são as porções de agentes nocivos que ingerimos paralelamente à tentativa impetuosa de viver.

Tudo isso pretendi dizer a ele. Contudo, do lado de fora do leito hospitalar, minha face ainda pulsava com o soco quente perto do olho esquerdo.

Ela não quis se matar. Foi o que Olívia, a irmã da minha mulher, disse. Em seguida se sentou ao meu lado no corredor oferecendo o ombro ao desabafo. Concordei apenas, sem qualquer palavra. Observava a palidez do hospital desnorteado com o telefonema, a *overdose*, o soco e o fato de ainda estar vestindo o uniforme do hotel. Ela não quis se matar, Olívia repetiu. A Laura me dizia que estava se sentindo vazia, ela completou. A minha irmãzinha tinha isso de se preocupar em se sentir cheia ou vazia como um vaso. Por isso pintava. Aqueles desenhos aconteciam quando o dique particular dela transbordava e o filete de rio caía na tela em branco. O problema é que ela não pintava há meses. E tem aquelas memórias no corpo dela.

É verdade, concordei após o silêncio.

O problema é que corpo vazio não vive, ela continuou. É como se enganasse os próprios órgãos, arquitetando funções sem qualquer propósito. Corpo de mentira. Órgãos de mentira. Vida de mentira.

Preciso voltar ao trabalho, interrompi. Seus pais estão lá dentro.

Olha, não precisa esconder o rosto. Imagino o que meu pai fez. Ele é mal com as palavras, por isso não sabe ser esguio, deixa sempre uma marca por onde passa. Mas entenda como um conselho. Algo não está certo. Talvez porque vocês sejam jovens e agem como velhos. Acabaram de passar dos trinta anos e andam com problemas no trabalho, na vida a dois, como se já fossem cinquentenários. Vocês falam velhos, agem velhos. Ela não consegue pintar, os bebês não nasceram, você não consegue mais brotar uma criança. Tem algo que deseja me contar?

Você sabe quem encontrou a Laura e chamou a ambulância? — interrompi.

Não, disseram que a pessoa não quis se identificar.

Preciso voltar ao trabalho.

2.

— Damião, alinha essa gravata, rapaz. E esse colete amarrotado? Desce na lavanderia e vai passar isso. Tamara, troque esse batom vermelho por tons pastéis. Único lugar que essa cor faz parte do trabalho é na esquina da prostituição.

À noite, o senhor Bonfim nos gerenciava com sua voz grossa e corrida. Surgia sempre devagar, enganava com os passos curtos, mas era um sujeito quilométrico, longas avenidas lhe desfilavam pela boca. Na altura do coração, um broche dourado com o logotipo do hotel. Conversei com ele para trabalhar outro turno e conseguir ficar em casa quando a Laura receber alta, e fui atendido.

— Atenção, mais um turno de trabalho e eu quero lembrá-los de que, enquanto estivermos vestindo esses uniformes, somos os primeiros balizadores humanos do país para os estrangeiros. Os taxistas são todos extraterrestres, vocês sabem. Nós não, somos autênticos até a raiz dos pés. Quando o turista ultrapassa aquela porta, prestem atenção, quando ele passa por aquela porta, o que ele espera é que sejamos mais brasileiros que os outros brasileiros. Cidadãos acima da média, como se pudéssemos ser importados e vendidos como produtos genuinamente tupiniquins. Fui claro?

O senhor Bonfim era um pouco mais velho em relação a mim e ocupava a função que eu queria: gerente. A bem da verdade, viera com experiência de um estabelecimento cinco estrelas para adicionar uma às três do nosso hotel. Tinha apenas quatro meses conosco e transbordava o viço do entusiasmo — um fascínio convicto por trabalho o cobria, e nós, os gerenciados, recebíamos essas lufadas de estímulo como pessoas presas a um elevador sem qualquer escapatória. Talvez fosse bem nascido, supunha.

— Todos nós somos acima da média enquanto estivermos aqui. Eu, o Damião, a Tamara, a Janice na recepção, a Cidinha, a dona

Ofélia, a Giobertina, a Bárbara da limpeza, o Oséias, o Valcir, o Pôncio, a Marta e o Casemiro da cozinha, o Waldomiro e o Gusmão da portaria, a dona Carmen, a dona Odette e a Kátia da lavanderia, o Giovatan, o seu Cleverson e o Tônico da segurança, o Esteves, o Noberto, a Pâmela da administração. Todos. Entenderam?

Terno impecavelmente alinhado, barriga para dentro, a boca de hipopótamo do senhor Bonfim projetada para frente e irremediavelmente aberta. Face lisa, mas pelos curtos lhe cobriam a testa pequena.

— E sabe por que eu sei o nome de todo mundo do meu hotel? Porque aqui tratamos cada um como pessoas, como demasiadamente humanos, para citar alguém mais sábio do que eu. Mas não se apressem em julgar o caráter compulsivo da expressão porque mesmo demasiadamente humanos, vestimos esse uniforme, carregamos esse logotipo na altura do peito, temos uma função — ele abriu os braços, paterno. — Entretanto, é claro que podem contar conosco na escalada de suas vidas. Inclusive, recebi a notícia da tentativa de suicídio e internação da sua mulher, Damião, espero que tudo de bom ocorra a ela, no sentido de viver, é claro.

— Não foi uma tentativa, e muito menos um suicídio, senhor Bonfim, ela apenas errou na dose do calmante — expliquei, antes que a Tamara imaginasse algo duvidoso.

— Certo, então troque os calmantes por estimulantes, afinal estimulamos o estímulo, encorajamos a coragem. Conte conosco, ok? Tamara, troque esse batom, tons pastéis. Breve faço outra ronda.

O senhor Bonfim se afastou com a mesma eficiência de antes. De longe, éramos observados pelo Waldomiro.

O Waldomiro é um cão. Assim me parece. Guarda a porta giratória do hotel à noite com subserviência e lealdade superior a qualquer profissionalismo. O edifício é para ele algum país e por isso o serve como o mais assíduo dos patriotas. Cabe à função sorrir a todo o tipo de gente, e apenas isso lhe é custoso. Suas bochechas

caídas com olhos de compaixão não são agradáveis à simpatia. O gerente o ensinou a ser funcional, e isso basta ao país que serve. Um cidadão exemplar. Em contraste, quando tinha alguma folga ou dirigia aos outros funcionários qualquer palavra, o Waldomiro mordía, latia mostrando os dentes, para que relembrássemos que ainda era cão.

A Tamara sai para refazer a maquiagem e o Waldomiro chega até mim.

— Ouviu que a Tamara deixou outro homem escapar? Aquela piranha.

— Quem te contou, Waldomiro?

— Todo mundo sabe. Ela só quer fuder. Ela só quer fuder. Tô te dizendo. Tu que é burro de fazer trabalho por ela.

— Ajudo a Tamara por causa do filho pequeno — respondi, sem olhar.

— E daí? Todo mundo tem peso nas costas. Todo mundo sabe o que carrega. Agora, tu ficar se matando porque ela não segura nenhum homem, é burrice. Ela só quer fuder.

Tão próximos estávamos, notei o focinho dele brilhar.

— Quem desdenha quer comprar, não é isso que dizem?

— Tá maluco, Damião? Mas se fosse eu, só pegava pra fuder. Metia no meio das pernas dela até revirar tudo. E quando pedisse para parar, colocava ela de quatro, dedava o cu, e enfiava até acordar o filho. Com proteção que eu sei que ela tem doença. Depois ia embora com ou sem choro de criança. O problema é ela gamar. Aí não pode. Só tenho esse trabalho e não quero ficar aturando ela. Mas se fosse eu, só pegava pra fuder.

A Tamara mora no subúrbio. Apesar das duas horas até o hotel, não quer sair de lá. Todo mundo se conhece, todo mundo se ajuda. Ontem mesmo, ela contou, o filho dormiu na dona Graça, a vizinha da frente. Tamara chegou de madrugada e foi beber com a prima por conta de uma dor de cotovelo. Todo mundo se ajuda, ela diz. A

prima emprestou a roupa e Tamara pagou duas rodadas no último botequim que encontraram aberto. Voltou para casa de manhãzinha, o filho ainda dormindo, e a dona Graça disse que ele podia ficar lá até mais tarde. A Tamara agradeceu e foi dormir bêbada com um balde do lado da cama. Acordou e veio direto pra recepção do hotel. Volta e meia ela ajuda com as compras da dona Graça e fica tudo na santa paz. Mãe solteira, sem família, sobrevive do hotel.

Tamara não costuma latir, quando muito solta um ganido fino como se estivesse com vontade de alguma coisa. Aí é quando eu penso que ela pensa no Waldomiro porque ela está se acachorrando igual ele. As orelhas estão caindo e os olhos ganhando o negrume de uma piscina de piche. O focinho também está nascendo, uma protuberância acastanhada com pelinhos curtos que combina com o corpo moreno dela.

A Tamara volta, o Waldomiro sai.

— Fala mais da tua mulher, ela está bem mesmo? — me pergunta recompondo-se no balcão de atendimento. Os lábios estão de acordo com a ordem do senhor Bonfim.

— Os pais dela estão no hospital agora.

— E quer dizer que mesmo com calmante a pessoa pode se matar?

Olhei para o focinho dela em silêncio. Me afastei da bancada andando de um lado para outro. Nenhuma chamada no interfone, nenhum cliente no saguão esperando atendimento. A Tamara continuou me olhando infantilmente como quem pergunta qualquer banalidade. O Waldomiro perto da porta giratória treinando o sorriso feio.

— Ela não queria se matar — disse, inquieto com essas palavras. As orelhas delas reviraram-se de espanto.

— Não foi isso que eu quis dizer. Não no sentido literal...

— Vou ao banheiro.

3.

Eu e a Tamara éramos invisíveis das onze às cinco da manhã.

O hotel estava com pouco mais de quarenta por cento dos quartos ocupados e não fazíamos mais do que responder telefonemas ou dúvidas das mais repetitivas.

À meia-noite nos liga o hóspede do 304.

— Recepção?

...

— Uhm... entendo... o barulho persiste?

...

— Claro, senhor, entendo perfeitamente. Vou me encarregar disso. Pedimos desculpa pelo incômodo.

Desligo.

— O que foi? — pergunta a Tamara, olhos gigantes.

— Sexo no 305.

A Tamara me observa com um sorriso lascivo. As orelhas dela estão em alerta, altas e duras, prontas para captar qualquer sinal de luxúria.

Disco o 305. O telefone toca quatro vezes antes da voz masculina me atender do outro lado.

— Senhor Monteiro? Desculpe pelo telefonema a essa hora, mas a sua televisão está muito alta, poderia, por gentileza, diminuir o volume?

...

— Houve uma reclamação sobre o volume do seu aparelho. Alguns hóspedes são mais sensíveis ao som, poderia diminuir o barulho, por gentileza?

...

— Muito obrigado. Muito obrigado. Tenha uma boa noite.

Encerro a ligação. A Tamara continua sorrindo com suas bochechas magras e meio acachorradas. Trocara o batom por conselho do senhor Bonfim, um tom pouco mais claro que a pele morena dela.

— É foda a gente não poder dizer para eles não transarem tão alto.

— Como disse?

— Não podemos ir direto ao ponto, ligar e dizer, senhor, se quiser transar mais alto durma em um quarto executivo ou procure um motel. No econômico as pessoas não fazem sexo, elas dormem de cansadas, não têm dinheiro para aproveitar uma foda ocasional.

— Normas da casa.

— Eu sei. É sempre “a sua televisão está muito barulhenta, tem certeza de que o seu rádio não está ligado no último volume?” É engraçado que eles demoram a entender o código. As meninas da limpeza encontram cada coisa quando vão limpar esses quartos pela manhã.

— Olha, vamos trabalhar. Quero que o tempo passe rápido hoje — interrompi, minha cabeça ainda no hospital.

Teclou no computador o motivo da chamada na lista de reclames dos hóspedes.

— Não está mais aqui quem falou — retrucou Tamara, cruzando os braços no balcão deserto.

Voltei a teclar no formulário de reclamações.

— Eu também tenho alguém me esperando, sabia? Meu bebê.

— Acho que você não entendeu. Do ponto de vista coletivo, minha mulher tentou se matar — a memória puxou Laura sorrindo com os aparelhos apitando no hospital. No momento seguinte, a dor na minha bochecha e a temperatura do meu corpo crescem.

As orelhas da Tamara, antes rígidas, caíram perto do focinho; ela envergou o pescoço ligeiramente para a esquerda e os olhos adquiriram o semblante plácido.

— Não perguntei isso, Damião.

Como fiquei em silêncio, preencheu a conversa.

— Mas é rápido, você vai ver, amanhã de tarde ela estará em casa pintando de novo. Eu já te agradei por ter dobrado por mim na quarta passada? Você é uma boa pessoa, Damião. Isso é fase, vai passar. Pode ficar tranquilo.

— Não me venha com essa, Tamara. Não tem como eu ficar tranquilo. Mulher na UTI e a lotação ruim do hotel.

— Tá falando da demissão se as coisas não melhorarem?

— Claro, o que mais podia ser? Estou a quase quatro anos esperando a droga da quarta estrela para quem sabe uma promoção, mas vem o senhor Bonfim, pega a gerência, e ainda temos essa ameaça do olho da rua.

— Não é apenas para você, gostosão, a ameaça é para todos nós.

Os sons que a Tamara emitia não me tocavam. Eram baixa trilha sonora diante da sequência de eventos que subitamente me invade o espírito — a perda da gerência, a internação da Laura, o senhor Bonfim faceiro, a baixa do hotel e a ameaça de demissão —, tudo uma onda quente-fria de invalidez tomando conta do meu corpo até arrebatá-lo o meu esforço de continuar em pé. Sentei no meu posto, zozado, e a minha companheira de recepção ainda gesticulava quaisquer sons. Eu apenas observava o vazio por trás daquelas orelhas caídas e não sabia se meu rosto sorria ou não.

* * *

Os trens eram todos ocupados por animais.

Os ônibus eram todos ocupados por animais.

Todo o dia era forçado a ultrapassar bicos, patas, narizes que ninguém sabe o nome, cascos, asas, falsos pés, e toda a sorte de animália possível. Por vezes fingia soneta em pé ou sentado para não ter que encarar aqueles meio-homens-meio-animais pelo caminho. Mas na rua, nos ônibus, na contaminação do dia a dia, quando os animais passavam por mim, sentia a espinha doer

ameaçado pelo ambiente das feras. Encontrando uma pessoa, apressava-me em ficar ao lado dela como se acabasse de encontrar um companheiro em diminuta ilha. Conversava, fingia amizade. É bom não demonstrar medo do zoológico que persiste ao redor.

Descendo, subindo, andando, a atmosfera degenerada era a mesma. Eles esgueiravam-se pelas beiradas dos momentos como esse casal andando pela rua ao meu lado. Evitam os obstáculos com facilidade e conversam sobre qualquer política do jornal. Ambos encasacados e de calça *jeans*. contei oito pés na mulher e um sapato vermelho em cada um deles. As pernas se movimentam como pistões de um carro — para cima para baixo para cima para baixo precisas rápidas seguras uma atrás da outra. O olhar dela percorre rapidamente o meu. O acompanhante continua na política. Ele tem lábios grandes e os braços parecem sair pela gola do casaco: seis deles. Os dois principais são mais longos e ondulam pelos ombros da parceira. Deixo de prestar atenção porque estou próximo de casa e começa a chover.

Dostoiévski. De fato, mas temos tempo, se importa de eu voltar a dar atenção ao romance agora, essas conversas casuais me tiram o foco. Concordei sem dizer nada e andei até a cozinha.

Sequer perguntei à Laura sobre Hipólito. Na cama, antes do descanso noturno, minha mulher dizia-me telegraficamente apenas o necessário. Ele é uma boa pessoa. Quarenta e três anos. Os pais pensam que ele é homossexual. Viu as ameixas e as bananas na fruteira? Hipólito comprou. Viu o fogão brilhando? O Hipólito limpou. Ele organiza as nossas contas por datas de vencimento e se ofereceu para pagar luz e água até terminar o romance. Não neguei porque ele disse que seria um demérito, ele me ensinou essa palavra. Só escreve à noite. De costas para minha mulher, adormeci.

Dois dias depois, o Hipólito era uma sombra grande e atenciosa em casa. Não precisava me queixar por qualquer problema com arrumação, pois o Hipólito isso, o Hipólito aquilo. Imaginei que iria me chatear com o trabalho noturno dele, o escrever compulsoriamente até agradecer o difícilévski, mas o Hipólito não fazia barulho, aquele desgraçado. E pela manhã, ontem, o café estava na garrafa. Chateei-me, mas decidi não criar caso com o hóspede da Laura. Que termine de agradecer ao russo, tarefa das mais injustas devido à podridão em que deve se encontrar o atual corpo do falecido. Sem falar da alma.

Mas com o Mascarenhas foi diferente. Não bati com ele. Quando eu o encontrei em casa, pressenti apuros.

* * *

A Laura não pintava há seis meses. Simplesmente não conseguia preencher uma tela em branco. Mesmo que eu dissesse para bater as cores em um liquidificador e esparramar no quadro, ela me tomava por burro ao explicar que os pintores pensam antes de desenhar no painel em branco. Os pintores pensam, os escritores pensam, os músicos pensam, ela respondia para me deixar inferior porque

eu não era qualquer desses artistas que raciocinam as coisas antes de executá-las. Contudo, a minha esposa sofria do efeito oposto. Laura não ia ao quadro porque raciocinava demais sem encontrar qualquer solução que satisfizesse o seu lado artístico. Assim como o Dostoiévski do Hipólito, ela era difícil de agradar.

Então aconteceu o Mascarenhas. Primeiro, o Mascarenhas era mulher, e soube disso apenas por não notar a montanha do gogó no pescoço. Em todo o resto, o Mascarenhas era uma figura que poderia ser tratada como homem, mulher, ou o terceiro sexo das coisas — como ouço que existe longe daqui. Uma figura misteriosa, como ouvi da Laura, que gostava de ser tratado como homem nas apresentações. Por isso o Mascarenhas e não a Mascarenhas. Conheci-o na minha própria casa. Mal me acostumara com o Hipólito, após Laura voltar da internação, deitei o casaco na cômoda depois da porta e encontrei os dois hóspedes degustando vinho no sofá. Sorriam íntimos no momento em que me deparei com eles — o laptop do escritor deitado na mesa de centro à luz baixa da sala.

Este é o Damião, o marido da Laura, me apresentou o Hipólito limpando as lentes dos óculos e com as bochechas rosadas de álcool. O Mascarenhas levantou-se e veio me cumprimentar com um aperto de mão. Tinha o semblante indefinido, os olhos pequenos, a bochecha magra e rosada, o nariz fino, um pouco arrebitado, e os lábios suaves, bem torneados, desnudos de barba ou bigode. O cabelo moreno estava preso em coque e vestia um terno cinza bem comportado cobrindo o corpo esguio, sem os montes dos seios. A idade era impossível de ser julgada, qualquer coisa entre vinte e sessenta anos lhe caía bem. É um prazer conhecê-lo, disse o Mascarenhas, voz suave com um tom professoral, e desatou um naturalíssimo sorriso alcoólico. Aceita brindar conosco? Eu sei, está tarde e não queremos acordar a Laura do descanso artístico, mas temos que nos divertir como plebeus de vez em quando. O vinho? *Noblesse oblige*, como dizem, uma delícia destinada aos reis.

Não soube o que responder prontamente. Nem mesmo pensei que conhecíamos o mesmo idioma.

Observei entre surpreso e cuidadoso aquela pessoa; foi assim que não encontrei o gogó quando chegou mais perto de mim oferecendo a taça de vinho. Outra hora, revidei, sem jeito. O Mascarenhas chegou mais perto e mais perto querendo que eu provasse o vinho e desconcertou o espaço entre nós, me exigindo maneiras que não aprendi e palavras que desconhecia. Em segundos começava a me irritar todo aquele sorriso de amizade obrigatória e logo pensei nessa mania recente da Laura de me encurralar através dos novos amigos dela. Oh, espero que minha conduta não seja reprovável nesse momento, é claro que nos conhecemos apenas agora, mas a Laurinha me conta sobre você. Ademais, é meio indelicado lembrar que a primeira impressão é a que fica quando na verdade há uma boa dose de vinho *Montebello* na taça, sorriu o Mascarenhas enquanto transpassava amigavelmente a mão pelo meu pescoço para se apoiar em mim. Maravilhoso, interrompeu-nos o Hipólito. Pequenas ondas percorriam a tromba do escritor como se ela fosse uma serpente desajeitada e me perguntei se ia bem. De súbito fiquei com a impressão que os dois eram a Laura; como se fosse ela trabalhando de forma noturna com uma tromba dessas na minha frente, ou ela com o vinho me dizendo para eu perder a noite em bebedeiras e assim prejudicar o meu trabalho, este que é o único meio de manter essa casa. Com certeza o senhor Bonfim não tinha os mesmos problemas.

Mascarenhas me encurralava. Laura me encurralava.

Minha esposa não era a mesma após a saída do hospital.